

Adaptação de 'Persuasão' reforça tese de que Jane Austen foi influenciada pelas pioneiras do feminismo

Filme protagonizado por Dakota Johnson, estrela da franquia '50 tons de Cinza', tem mocinha fora do padrão e elenco diverso

Por Manoela César; Especial Para O GLOBO — Rio de Janeiro

19/07/2022 04h30 · Atualizado há 2 semanas



As damas da Regência Inglesa ficariam em choque se pudessem assistir à nova adaptação da Netflix para o romance “Persuasão”, publicado em 1817. Afinal, o que diria aquela aristocracia, tão bem alimentada por macarons e chazinhos da tarde, se visse Anne Elliot, protagonista deste que é um dos mais aclamados livros de Jane Austen, abrindo mão dos comportados bonnets para correr descabelada na grama, gritando, em francês: “Vive la Révolution!”? Enquanto incita os sobrinhos —pela primeira vez interpretados por atores negros —a empunhar espadinhas de madeira contra uma Maria Antonieta imaginária, a protagonista idealizada pela diretora Carrie Cracknell e interpretada por Dakota Johnson — atriz americana marcada pela ousada trilogia “50 tons de cinza” —demonstra simpatia à queda da rainha, símbolo de uma nobreza que minguava sob o impacto da Revolução Francesa. Mas seria mesmo tão surpreendente reconhecer em Jane Austen esta verve revolucionária?

Muito em função da forma como a família Austen decidiu editar o legado da parente famosa —Cassandra Austen, irmã e confidente, queimou mais de três mil cartas da escritora, enquanto o sobrinho, James Edward Austen-Leigh, enfatizou a imagem de uma tia doce, recatada e do lar ao assinar a primeira biografia da autora —, o imaginário coletivo construiu a imagem de uma senhorinha águia com açúcar, que escrevia para

mulheres sonhadoras. No entanto, pesquisadores contemporâneos — como a americana Miriam Ascarelli, em “A feminist connection: Jane Austen and Mary Wollstonecraft”, e a brasileira Julia Romeu, em seu livro “Um lugar só dela: O feminismo em Jane Austen” (a ser lançado pela Bazar do Tempo) — enxergam cada vez mais evidências de conexão entre as obras de Jane Austen e o movimento profeminista. Especificamente, possíveis citações de Austen aos assertivos textos de Wollstonecraft, autora do icônico manifesto “Uma reivindicação pelos Direitos da Mulher”, de 1792.

‘Criaturas racionais’

Contemporânea de Jane Austen, a inglesa Wollstonecraft ousou viver uma vida livre, foi à França se unir aos revolucionários e morou com o homem que amava, sem ser casada com ele. Não à toa, é considerada a mãe do movimento feminista britânico que nasceria no século seguinte.

— Acredito que há feminismo na obra de Jane Austen. Wollstonecraft reivindicava que as mulheres fossem vistas como “criaturas racionais”, expressão que Jane Austen usa em “Persuasão” e “Orgulho e preconceito” (1813), em falas de personagens que pedem o mesmo respeito. Apesar de não existir prova desta influência, evidências apontam que sim —defende Julia Romeu. — Não é coincidência que a Sra. Croft, uma das personagens mais sensatas da trama, e que inspira a protagonista a ir atrás de seus sonhos, vivencie um raro casamento feliz. A semelhança entre os nomes Wollstonecraft e Sra. Croft também levanta a hipótese de uma homenagem à Wollstonecraft.

Sem frescura

Defensora de uma Anne Elliot que se permite agachar para fazer xixi no mato, mergulhar no mar de Lyme, beber bons vinhos e não se importar em ter a barra do vestido suja de lama — uma clara homenagem à Elizabeth Bennet, de “Orgulho e preconceito” —, Dakota Johnson parece endossar esta teoria.

— Em “Persuasão”, Jane Austen nos convida a refletir sobre a falta de escolha das mulheres, especificamente, no amor. As uniões eram decididas por terceiros, motivadas por status, dinheiro e segurança, e o livro traduz o desejo de romper com tudo isso. Esta questão segue muito atual. Até que ponto decidimos sobre a nossa vida, nosso corpo? Até que ponto ainda nos permitimos ser persuadidas? —ressalta a atriz, que vem sendo voz ativa contra o recente retrocesso da Suprema Corte americana em relação ao aborto, assunto sobre o qual se manifestou nas redes sociais, pedindo que as pessoas votem em “candidatos pró-escolha”.

Para transpor o desafio de tornar este embalsamado clássico da literatura em algo de fato atraente para a geração TikTok, a produção enfatizou o humor ácido característico da escritora.

— O que tentamos fazer foi pegar a essência da Anne do livro, com seu forte senso de si mesma e uma excelente percepção das pessoas ao seu redor, e intensificar. Assim, ela se tornou um pouco mais direta e espirituosa — explica a diretora Carrie Cracknell, que apostou em uma personagem que quebra a quarta parede e fala com a câmera.

Produtora executiva, Christina Weiss Lurie chegou a cogitar atualizar a trama para os tempos atuais. A ideia não foi adiante, mas permaneceu o desejo por personagens com ares contemporâneos. Assim, para construir o seu capitão Wentworth, o ator Cosmo Jarvis em nada resgata os códigos de cavalaria seguidos à risca por atores como Rupert William Penry-Jones, louro e de olhos azuis, que viveu o personagem na produção da BBC, em 2007, e, muito menos, o gestuário semi-blasé de Mr. Darcy, imortalizado por Colin Firth em “Orgulho e preconceito”, de 1995.

Com roupas amassadas e barba por fazer, o herói austeniano de Jarvis ganha o coração da protagonista ao reconhecê-la como um “ser racional”. Declarações como “Você é tão inteligente (..) sempre direta, centrada e calma” ou ainda “é irritante o mundo lhe negar uma vida pública”, evidenciam um antenado Wentworth, provando que as definições de cavalheirismo foram atualizadas para o século XXI.

Diversidade de elenco

Em sintonia com o movimento de naturalizar atores não-brancos na corte, como na série “Bridgerton”, o elenco de “Persuasion” privilegia a diversidade.

— Um elenco diversificado conecta a mensagem de Austen a um público mais amplo. Foi emocionante ver as pessoas que cresceram apaixonadas por seus romances finalmente se verem representadas. Para muitos do elenco foi também a primeira vez em que atuaram em um filme de época — celebra Carrie.

Mas as mudanças não foram bem recebidas por todos, e fãs tradicionais do livro expressaram nas redes descontentamento com o tom do filme. Já a presidente da Jane Austen Sociedade do Brasil, Adriana Sales, vê com bons olhos a iniciativa.

— Vem preencher uma lacuna histórica marcada pelo imperialismo ocidental. O efeito da metalinguagem, de falar com a câmera, traduz também essa ironia de questionar o que está sendo veiculado. Em certo sentido, essa ironia se estende para a escolha do elenco e dá espaço aos que, historicamente, nunca tiveram voz. A arte tem de ser plural em todas as suas nuances — ela defende.

Soma-se a isso uma forte mensagem de liberdade nas escolhas afetivas, com a qual a produção parece sugerir uma Jane Austen que preza pela ideia de que qualquer maneira de amor vale a pena. “Está tudo bem encontrar o amor em seus próprios termos, por menos ortodoxos que sejam. Não permita que lhe digam o que fazer ou a quem amar”, conclui uma amadurecida Anne Elliot, enquanto planeja acompanhar o marido em suas aventuras em alto-mar.

<https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/noticia/2022/07/adaptacao-de-persuasao-reforca-tese-de-que-jane-austen-foi-influenciada-pelas-pioneiras-do-feminismo.ghtml>